

- conhecimento e habilidade para usar métodos audiovisuais;
- conhecimento dos processos de ensino e aprendizagem;
- conhecimento do uso de técnicas participativas.

Muitas vezes, a dificuldade em trabalhar a Educação Sexual vem de nossa dificuldade em trabalhar nossa sexualidade, tabus, preconceitos, medos, vergonhas. Não sejamos ingênuos em pensar que apenas depois que tivermos trabalhado e resolvido nossas questões pessoais é que poderemos trabalhar esse conteúdo curricularmente. Dispor-se a trabalhar sexualidade na escola é dispor-se a trabalhar sua sexualidade. E isso pode acontecer conjuntamente. Raramente vemos cursos de formação de professores que têm uma disciplina ou mesmo que interdisciplinarmente abordem a Educação Sexual. Este é um bom ponto de partida para começar a pensar nossas dificuldades em empreender essa tarefa. Mas não é ponto de acomodação. A partir desse reconhecimento, é possível avançar se houver disposição e vontade para isso. Ao final deste capítulo indicaremos algumas referências iniciais para aqueles que aceitarem o desafio de debater a Educação Sexual curricular em sua escola. Professores e gestores (em vários níveis – diretor, coordenador, secretários, e em várias áreas: Saúde, Justiça, Assistência Social, Cultura, Educação) podem aceitar esse desafio de pensarem juntos a contribuição possível e necessária, ética e socialmente falando, da escola na cidadanização de seus alunos.

Uma segunda pergunta seria o “como”? com espaços permanentes, formais, em disciplinas e ementas. Atividades pontuais, como palestras e campanhas, em razão de seu caráter restrito a informações genéricas, pouco promovem reflexões e mudanças. Mas essas atividades podem ser pensadas como um momento dentro de uma educação mais contínua que se dá na sala de aula. Ainda no “como”: que material utilizar? As escolas têm muitos materiais; podemos também procurar os serviços de apoio.<sup>3</sup> Outros materiais podem ser produzidos pelo professor e/ou pelos alunos, por exemplo: uma “batata quente” sobre “assim pega, assim não pega DST/Aids”; dinâmicas de auto-estima, júri sobre negociação de camisinha, recortes de revistas para analisar a sexualidade na mídia... Deve-se pensar e organizar o trabalho olhando cuidadosamente para os alunos que estão naquela escola, naquele grupo, não trabalhar com uma programação fechada, mas aberta às

3. A Direção de Ensino, Coordenadoria Pedagógica, Universidades, Cooperativas Médicas, Serviços de Saúde e ONGs.

curiosidades dos alunos.<sup>4</sup> Na educação sexual com crianças, algumas estratégias podem ser mais adequadas do que aquelas planejadas para os jovens, como, por exemplo, criação de historinhas, desenhos, teatrinho, fantoches.

Ao utilizar metodologias participativas no debate da sexualidade, devemos levar em conta alguns aspectos específicos, como apresentação das pessoas, estabelecimento de acordos para o planejamento e desenvolvimento dos debates e atividades de integração e “quebra-gelo”. Do professor requer-se a compreensão dos mitos, crenças, conhecimentos e dúvidas dos alunos, de modo que os debates propiciem a desconstrução de mitos e a reconstrução de novos conhecimentos. É preciso entender que, quando há participação de todos, a diversidade cultural despontará e deverá ser trabalhada com respeito e valorização, coerentemente com os objetivos da educação sexual, como já exposto aqui. Não se pode pretender ensinar certo modo de viver a sexualidade em que haja o respeito à diversidade se a estratégia utilizada para esse ensino confronta-se com o que se ensina. As pessoas também aprendem observando e fazendo (ou não fazendo!).

As atividades que exigem a participação dos alunos requerem:

- dinamismo e flexibilidade;
- trabalho com as subjetividades;
- identificação e respeito pelos alunos tímidos, adequando-se o planejamento de modo a tentar outras formas de estes participarem gradativamente;
- identificação dos desinteressados, procurando-se conhecer as causas desse desinteresse e as possibilidades de outras estratégias que garantam a contemplação das necessidades desses alunos;
- identificação de participantes que monopolizam o grupo, avaliando se as estratégias estão contribuindo para essas atitudes e que outras estratégias poderiam ser implementadas de modo a garantir participação mais equitativa;
- identificação de participantes que fazem perguntas pessoais, buscando conversar com estes de modo que sua privacidade não seja exposta, além de estabelecer com o grupo previamente o que deve ser tratado no grupo e/ou privativamente;
- diferenciação entre participação e interrupção, apontando essas diferenças para o grupo.

4. No livro *Fala educador, fala educadora*, são abordados temas relacionados à saúde sexual e para cada tema são apresentadas sugestões de atividades para desenvolver esses temas com jovens (Peres *et al.*, s/d).